



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reavaliando um insucesso de Ulises Carrión: o caso “O roubo do ano”

Projetos, execução e resultados de muitas propostas da arte contemporânea são frequentemente deduzidos através da avaliação de fragmentos de memória: fotos, impressos, filmes, vídeos e outros documentos, além da incerta integridade das narrativas testemunhais. As formas do relato testam um misto de arqueologia visual e perícia forense, disciplinas apreciadas na investigação de experiências artísticas do passado, que até podem ser exercitadas ou encenadas novamente, mas jamais em sua integridade circunstancial. Um projeto editorial recente oferece à avaliação, 32 anos depois, a parte fotográfica do que poderia ser os autos processuais de um experimento de Ulises Carrión em busca da dimensão estética de uma contravenção: o furto de um diamante.

Em fevereiro de 1982, Carrión (San Andres Tuxtla, Mexico, 1941; Amsterdã, 1989) apresentou a instalação *De Diefstal van het Jaar*, no Drents Museum, em Assen, Países Baixos. A exibição ficou conhecida em inglês como *The robbery of the year* (conforme o próprio artista a designava) e em espanhol como *El robo del año*. No centro de um pequeno espaço restrito montado no museu, recoberto de tecido negro, foi colocado um diamante verdadeiro sobre uma mesa com uma almofada de veludo, iluminado apenas por uma fonte de luz. Seu valor (conforme a divulgação) em florins, moeda da época, seria o equivalente, hoje, a dois mil euros. Os visitantes poderiam olhar a gema, manuseá-la, ou, já que não havia proteção ostensiva, até mesmo cometer o furto, aguardado por Carrión. Um amigo seu, o artista brasileiro Claudio Goulart (Porto Alegre, 1954; Amsterdã, 2005), teria a tarefa de circular pelo espaço durante os cinco dias de exibição, registrando fotograficamente a movimentação no ambiente. O projeto, portanto, reunia qualidades de instalação e de performance, além de um possível ensaio fotográfico. Carrión tinha a expectativa de que o diamante assumisse a condição de ser o organizador ortogonal e simbólico do espaço expositivo (possivelmente como uma representação metafórica da aura). Além disso, quando os seus planos atingissem o pretendido, o esperado furto do núcleo precioso da obra literalmente a desmaterializaria, convertendo o exercício também em comentário, reportagem ou crítica de costumes. O diamante, antes estruturador e superpresente, a partir do momento de sua subtração passaria à condição de estruturador pela ausência, ou superausente. O que aconteceu, ou deixou de acontecer, e sua reavaliação hoje, é tema desta comunicação.